Discursos

No dia 30 de setembro de 1953, tomou posse da Cadeira nº 1, do Instituto do Ceará, o Dr. J. Guimarães Duque, tendo sido saudado, em nome do sodalício, pelo consócio Francisco Alves de Andrade.

Publicamos a seguir os discursos então proferidos.

SAUDAÇÃO A GUIMARÃES DUQUE

FRANCISCO ALVES DE ANDRADE

Um eminente professor norte-americano, tentando esboçar a síntese da história da civilização ocidental, desde o homem das cavernas até a bomba atômica, deixou-nos em seu livro esta revelação esquiva:

"Parece que estamos vivendo num daqueles períodos em que ainda não se fêz a escolha entre o progresso e o declínio".

No seu entender, a crise de nossa época é uma crise moral, devida ao esquecimento dos verdadeiros objetivos da vida.

Já começamos, porém, a vêr claramente nos problemas, mesmo econômicos, um fundo moral político.

Não só os filósofos, mas a mediana inteligência compreendeu que, sem a virtude dos princípios, emanada do mundo interior, a técnica e a ciência não caminham seguras, nem muito menos alcançarão os supremos anseios humanos.

Reclama-se a rehumanização da cultura. E tanto no setor ocidental capitalista, como no oriental socialista, o que vemos, observa Josué de Castro, *"é uma focalização intensiva do homem biológico como entidade social concreta, uma especie de prioridade dos problemas humanos sôbre os problemas econômicos puros".*

Fala-se até de um humanismo comunista, como se tem falado sempre de um humanismo cristão.

Levantaram-se os economistas contra o espantalho maltusiano, procurando destruir os argumentos pessimistas dos que afirmaram estar o mundo ou certas regiões da terra condenadas a perecer de fome.

Biólogos e sociólogos materialistas fizeram reparos às asserções de Darwin, por haver transferido para a sua doutrina *as absurdas e reacionárias idéias de Malthus* ...

"Tôda a doutrina darwiniana da luta pela existência, diz-nos Lyssenko, relembrando uma passagem de Engels, *não fez senão transferir da sociedade para o reino da natureza viva a doutrina de Hobbes sôbre* "bellum omnium contra omnes", *e a doutrina econômica burguêsa sôbre a concorrência, juntamente com a teoria de Malthus sôbre a população".*

Renasce em todos os campos uma grande fé na ciência, a proclamar os poderes do homem sôbre a natureza e a capacidade desta para manter a vida.

O nosso planeta, contendo 50% de solos passíveis de cultivo, dos quais emprega 10% atualmente, dispõe ainda de 40% não utilizados, incomensurável reserva de que poderá lançar mão na luta contra a fome.

A lei do rendimento decrescente é uma outra desilusão sistemática advinda sob a inspiração de Malthus.

Ela se manifesta apenas, como observou Henrique de Barros, *"numa economia estática, subtraída por completo à ação dinâmica do progresso técnico".*

Não deverá haver abrigo para as idéias suicidas que disseminam o virus do pessimismo na alma dos que estudam ou vigiam as entranhas da terra.

Lemos no que V. Excia. escreveu sôbre o Polígono das Sêcas e em relação ao problema agrário no Brasil, Snr. Guimarães Duque, essa grande fé na ciência agronômica, revitalizada daquele humanismo cristão que é a fina flôr da cultura, o elã do verdadeiro realismo político que deve orientar a consciência nacional.

O Nordeste Brasileiro tem sido uma vítima de conceitos e doutrinas que se filiam ao pessimismo crônico, enraizado na alma de muitos políticos e líderes responsáveis pelos destinos da Pátria.

Em março de 1945, o Snr. Guy Lasserre escrevia na França, na "Revue de Geographie de Bordeaux et de l'Atlantique", um artigo em que assinalava a decadência da região nordestina com estas palavras:

"É quase certo que esta região jamais recuperará a sua brilhante atividade do século XVIII, a qual continha tôda a economia brasileira... O coração e os pulmões do Brasil não pulsam mais no Nordeste. Estão no Sudeste".

É que, rompido o equilíbrio naturalmente existente na fase colonial, houve um deslocamento de energias vitais para os setores do Sul, onde o capital se concentrou intensivamente, impelindo a mola da civilização.

O drama das emigrações passou a ser visto e considerado, no quadrante atormentado pelas sêcas, como uma válvula de segurança, *"recurso normal da região",* segundo Denis.

Houve quem aconselhasse o despovoamento total. Outros receitaram o despovoamento parcial e sistemático dos setores ameaçados, para a concentração junto aos açudes construídos em zonas menos inospitas.

Vista apenas do ponto de vista físico, a região tornou-se o espantalho da fome.

Em *"Solo e Agua no Poligono das Sêcas"*, lemos no prefácio do seu grande livro uma revisão de conceitos e a verdadeira posição do problema:

"Os brasileiros temos observado o Nordeste sob o ponto de vista do combate às sêcas; despresámos a sua função como órgão integrado no Corpo Nacional, dando e recebendo benefícios de outras partes, permutando mercadorias e estimulando o comércio com as comunidades úmidas limítrofes; temos subestimado a sua posição geográfica como privilegiada no Hemisfério Ocidental e esquecemos ainda que a perpetuidade de sua riqueza depende da conservação dos recursos naturais: solo, água, flora e fauna".

Além destas considerações econômicas, enumera os fatores ecológicos fundamentais:

"A aridez, ainda que limite o desenvolvimento vegetal, proporciona, contudo, muitas vantagens importantes: salubridade, abundância de plantas xerófilas de alto valor industrial, colheita de produtos não possíveis nas regiões chuvosas, clima propício ao desenvolvimento da pecuária, facilidade para a construção e conservação das vias de comunicação e de permitir, pela variação de elementos físicos e fatores biológicos, a formação de regiões de exploração agrícola e mineral diversificadas".

Pondo em evidência a importância geográfica e econômica do Nordeste, cuja transmutação e ressurgimento alcançaremos com a energia barata de Paulo Afonso, mostra o seu livro, num realismo palpitante, que o sertão está se tornando mais nu, mais lavado, mais deserto...

"Esta terra, recebendo quase 3.000 horas de luz solar por ano, castigada por ventos de 2 a 20 quilômetros por hora, aquecida até 60° C., à superfície do solo sêco no verão e sujeita a um deflúvio médio de 73.000 metros cúbicos dágua por quilômetro quadrado de captação nos revela a fôrça do intemperismo".

Sôbre ela vive uma sociedade em periclitante harmonia biótica com o solo, a fauna, a flora, *"na incompreensão cultural da interdependência econômica e simbiótica dos seres vivos".*

Mas esta não é uma situação sem remédio.

Ajustar os processos técnicos da população à manutenção mais ecológica do *habitat*, num plano conservacionista dos recursos naturais, eis a fórmula substancial para garantir a vida.

A lavoura sêca nordestina deve ser baseada no xerofilismo; há de respeitar o *climax de estabilização* e realizar sistemàticamente a exploração das plantas resistentes ao meio hostil: o algodão mocó, a mandioca, a carnaúba, a oiticica e outras adaptadas, de ciclo vegetativo longo e curto, que nos dão fibras, óleos, cêras e alimentos, quer chova, quer faça sol.

Há uma observação de ordem antropológica que merece estudo:

"...o ciclo biológico compensado da exploração agrícola tropical está sendo buscado num sistema de lavoura intercalar, na cobertura viva e morta do solo, por longo tempo..."

E eis aqui a lição:

"Todos os métodos da lavoura que se desenvolveram com a intuição ou com o empirismo das populações nativas dos trópicos são baseadas num mínimo de trabalho de operações devida à fadiga causada pelo calor e na perturbação menor possível do meio biológico... Produzir conservando mais, eis o lema de nossa agricultura".

Nem tudo o que o sertanejo faz está errado. Há no seu trabalho intuitivo a laboração criadora da inteligência humana; há na tradição rústica o fruto da experiência secular que merece a ponderação da ciência.

O matuto faz lavoura consociada numa tentativa diante da incerteza ou instabilidade do meio. E Guimarães Duque adverte que os métodos culturais nas zonas cálidas hão de se basear numa mistura de plantas ou lavoura intercalar, para manter a produção num período mais longo possível.

Requer-se um *modus operandi* bem diverso da prática agrícola européia, um sistema orientado no sentido da harmonia funcional fito-sociológica e geo-econômica.

Estudar a evolução da lavoura matuta e não impor *a priori* a sua transformação violenta, eis o preceito.

É que a grande lavoura mecânica *"é mais agressiva, rompe os laços amistosos do solo com a vestimenta florística natural da região, desprotege o chão e abre uma brecha para o seu desgaste, quando empregada sem cautela".*

Antes de inovar, convém verificar se a rotina local está em conflito com a natureza, *em desarmonia com o sincronismo do meio ou com o trabalho humano.*

O artificialismo inovador tem sido uma fonte de perturbação no mundo biológico, mais complexo do que o físico. Por isso, a ciência investiga para que as técnicas possam imitar a natureza em seu trabalho de reconstituição.

Um exemplo notável é a questão controvertida: adubação mineral versus adubação orgânica.

O agrônomo inglês Sir Albert Howard ergueu uma teoria contra o uso dos fertilizantes sintéticos, dominante e generalizado na agricultura ocidental.

Os fertilizantes artificiais estariam longe de promover a restauração dos solos, a qual sòmente poderá ser obtida com o emprêgo dos adubos naturais ou orgânicos.

É que a tradição mineralógica imposta desde Liebig baseia-se, segundo aquêle cientista, *"no completo desconhecimento da nutrição vegetal... Não leva em conta a vida do solo, inclusive a associação micorrizal — ou seja a ponte de fungos vivos que liga os solos e as raízes. Os adubos artificiais levam inevitàvelmente à nutrição artificial, à alimentação artificial, aos animais artificiais e, finalmente,* conclui com ironia, a *homens e mulheres artificiais"*.

Howard preconisa a agricultura da natureza, aquela em que divisamos os solos chineses subsistindo inexauríveis durante quarenta séculos de exploração, à custa dos adubos naturais.

As análises dos solos do sertão nordestino, feitas pelos agrônomos do Serviço Agro-Industrial, positivam a grande pobreza dêstes solos em matéria orgânica, bem como em umidade e elevado teor de minerais.

É seguramente firmado em suas equipes de agrônomos, técnicos e químicos que Guimarães Duque nos traz as suas asserções e preceitos.

Pensamos situá-lo mais na escola ecológica, tendendo um pouco para a teoria de Howard, quando trata do Nordeste Sêco:

"Ainda temos de recorrer, periòdicamente, às associações vegetativas, naturais, típicas, para restabelecer ou melhorar a fertilidade, porque nenhuma adubação química, até hoje, conseguiu assegurar um nível proveitoso de colheitas seguidas, nos países quentes".

Lemos ainda em "Solo e Agua no Polígono das Sêcas" os demais princípios da agricultura da natureza:

"...trazer o solo sempre coberto de plantas ou de restos de cultura, não queimar os resíduos orgânicos, evitar os cultivos excessivos, empregar o adubo verde, descansar o solo cada três anos de lavoura, usar culturas mistas, observar a rotação", etc.

Como empreender o gigantesco trabalho de restauração do solo, de suprimento de água, de adaptação e integração do homem, sem um plano sistemático de ação?

Responde Guimarães Duque:

"O complexo problema do Nordeste nos seus aspectos: técnico social, econômico, jurídico, está a exigir dos nossos dirigentes a concepção de uma doutrina das sêcas".

Sucede que a organização jurídica está contra a ordem natural...

Numa sociedade egoista e interessada apenas no enriquecimento individual, não se estabeleceu uma norma sequer, firmada na consciência ecológica.

A verdade, dizemos nós, é que o nosso direito rural pràticamente não existe.

No templo da Justiça guarda-se uma velha múmia, importada com infólios europeus, e em tôrno dela arrastam-se os Sacerdotes de Temis com velhos ritos, tropeçando em tabus, erguendo montanhas de papel, enquanto prevalece o interêsse dos grupos mais fortes.

Uma doutrina das sêcas tem que olhar o nosso mundo rural em todos os aspectos e a êle dirigir-se com objetivo humanista.

Adverte V. Excia. que a lavoura matuta, na sua extensividade, atingiu o *nec plus ultra*. É necessário então aumentar a superfície regada à medida que cresce a população. Surge a grande questão do povoamento racional, do aproveitamento sistemático das bacias de irrigação para a produção de alimentos.

A função social do açude é de modo a exigir o estabelecimento em seu redor das lavouras de alimentos indispensáveis, ao invés do fabrico de aguardente.

"Achamos imoral o Governo inverter o dinheiro do povo em obras que vão produzir veneno para êsse mesmo povo".

A necessidade de cooperação e de harmonia grupal em que regrediu a civilização nordestina é um impositivo de ordem psicológica.

Teremos de explorar o açude, conclui o eminente Chefe do Serviço Agro-Industrial, *"como uma célula agrícola, sob uma única administração — a da cooperativa ou sociedade — que faça todas as operações de compra e venda em grande escala, que industrialize as colheitas, que empreste dinheiro à família do irrigante e que esta, em lavrando o seu lote, entregue as safras a um organismo supervisor".*

Não será qualquer operário que possa assim pertencer à nova organização. Esta exige uma educação prévia, uma adaptação lenta.

Parece-nos que o trabalhador nordestino, extremamente individualista, não suportará facilmente a experiência. Poderá perder o interêsse se não fôr proprietário. Êle só trabalha bem no que é seu.

O problema é de ordem psicológica. Há que atender à índole, ao caráter da população.

A desapropriação das bacias de irrigação dos açudes públicos, para adotar um novo controle sob arrendamento esbarra nesta dificuldade surpreendente.

O socialismo de gabinete vem se empenhando por uma reforma agrária mediante a desapropriação de terras padronizada para todo o País.

Nada mais anárquico do que êsse procedimento que tem levado meia duzia de parlamentares a sugerir de improviso uma legislação sem pesquisas, sem inquéritos e sem estudos, numa demagogia política ruinosa para a coletividade.

Diferem as condições de vida de região para região em nosso país. A renda da terra, o tamanho das propriedades, os usos e costumes de trabalho, as relações consuetudinárias de direitos e obrigações entre os produtores rurais não foram ainda apanhados em dados objetivos, de modo a facilitar a análise da estrutura agrária nas diversas regiões do Brasil.

Não está na distribuição da propriedade rural o problema da produção agrícola brasileira. A posse da terra não constitui um impacto neste enorme potencial de espaço.

A área ocupada pelas propriedades particulares, de acôrdo com os dados apurados no último censo, não passava de 1.977.202 quilômetros quadrados, pouco mais de 23% da área territorial do país.

Restam-nos ainda 77% de terras não ocupadas, esperando por novos conquistadores.

Aquêles que, por si e seus antecessores, firmaram domínios, dilatando fronteiras econômicas, derramaram sangue, suor e lágrimas.

Detêm um patrimônio que não lhes poderá ser arrancado sem iguais sacrifícios...

Diante do êxodo, que é a fuga da terra, tendência que em nosso país constatamos tanto entre salariados, como entre proprietários rurais, o que se impõe é realizar a propriedade, intensificar o pioneirismo. Jamais, feri-la de morte com desumanas e empíricas desapropriações pelo custo histórico.

Em relação ao Nordeste sêco, V. Excia. escreveu estas verdades dignas de serem lidas e meditadas pelos reformistas de gabinete:

"Uma reforma agrária com a simples divisão dos latifúndios em pequenos lotes para a colonização não é uma decisão feliz para as nossas questões porque, no sertão, fora das várzeas irrigadas, tem de predominar a grande fazenda, com operações em maior escala, para que o sistema extensivo, único possível na terra sêca, seja compensador, e os lucros facilitem melhoramentos sucessivos".

Cifra-se primordialmente a questão em trazer e fixar o capital na emprêsa agrícola.

A falta de dinheiro constitui no Nordeste sêco, mais do que em outra qualquer parte, a razão do latifúndio, das normas de parceria com a "meiação" e do arcaico sistema de exploração da gleba.

A condição salvadora não será satisfeita com a desapropriação que inquieta, desarticula e desvaloriza em sua base patrimonial a emprêsa produtora, mas com o crédito a longo prazo, reajustado às condições ecológicas e planificado em obediência aos princípios da economia rural.

O grande e rumoroso impacto é a retenção do capital financeiro por certos grupos privilegiados, que absorvem a energia instrumental, enquanto o mundo rural arrasta-se, entregue à própria sorte.

Pior do que a concentração das terras é a concentração do dinheiro. Êste continua nutrindo as cidades apenas, sangue-sugas do campo.

Distanciam-se o citadino e o rural. São dois mundos divergentes e desajustados.

"O primeiro, diz Guimarães Duque, *alheio ao destino do seu núcleo irmão, adaptou-se à convivência, apegou-se ao comércio e à indústria, recebe a cooperação múltipla e valiosa da coletividade: água, luz, transporte, remédios, socorros de urgência".*

"O camponês manteve-se conservador, isolacionista, apegou-se à tradição, criou-se no sentimento, opera sozinho com as suas plantas, o solo, os animais, o capricho do tempo".

Se há uma interdependência entre a cidade e o campo, timbra em separá-los um estranho indiferentismo mental.

É preciso reunir as elites, dinamizá-las numa compreensão mais humana do ruralismo nacional.

O problema das sêcas é, na realidade, misto: é técnico e é social, afirma o eminente agrônomo que o Instituto hoje recebe.

"Somos todos, Agrônomos, Professores, Padres, Médicos, Comerciantes, responsáveis parciais pela não preparação cívica e técnica dos habitantes sertanejos".

E conclui numa síntese verdadeiramente humanista:

"Não basta o conhecimento da Engenharia, da Botânica, da Agrologia, da Medicina, é preciso também um elevado gráu de sacrifício, uma compreensão muito humana das carências da população, um espírito cristão quase messiânico, uma ausência de egoismo, para resolver o problema das sêcas que já atingiu a sua maturidade. O aspecto social das sêcas emparelhou-se com os assuntos técnicos".

Senhores:

Tentei esboçar em leves traços de observação, o sentido e o pensamento do eminente agrônomo a quem o Instituto do Ceará hoje abre as suas portas.

Perdoai-me a audácia dessa despretenciosa e enfadonha divagação sôbre conceitos e idéias fundamentais de Guimarães Duque, um mestre da Agronomia nacional, verdadeiro sintetisador da escola ecológica entre nós.

O seu nome, já bastante conhecido na literatura agronômica, na ciência e na administração pública brasileira, dispensa apresentação.

Vós todos o conheceis.

No campo da Economia e Sociologia Rural é árvore que tem produzido aquêles frutos que, além do valor nutritivo, guardam o sabor dos salutares princípios morais.

As suas observações profundas, penetrando o ámago das questões técnicas da vida rural, revelam um espírito dinâmico, cuja doutrina

serena, objetiva, franca, desperta em quem o lê e ouve o desejo de segui-lo na pesquisa dos fatos e fenômenos da Geo-Economia, cuja seara enorme requer outros apóstolos e pioneiros, desbravadores de caminhos...

Entre os numerosos artigos, conferências, livros e trabalhos publicados, mencionamos os seguintes:

"O Problema da Alimentação Animal no Nordeste", síntese de observações e doutrina atinentes à Zootecnia Tropical; *"Ensaio Preliminar sôbre a Formação da Muda da Oiticica"*, contendo o estudo e conclusões de um experimento, talvez o primeiro sôbre esta oleaginosa realizado no Nordeste sêco; *"Ensaio Preliminar da Irrigação na Cultura do AlgodoeiroExpress"* e *"Observações para a Cultura da Oiticica"*.

Além dêstes, lemos um inquérito socio-econômico sôbre o Fomento da Produção Agrícola e um interessante estudo de Sociologia Rural: *"O Homem e a Produção"*.

"Algumas Questões de Irrigação", *"Política da Abundância"* e finalmente *"Solo e Agua no Polígono das Sêcas"* são vigorosos estudos que dão a conhecer a orientação segura do Serviço Agro-Industrial sob a patriótica direção de Guimarães Duque, digno e culto sucessor de Trindade, no ingente esfôrço civilizador iniciado pelo Departamento de Obras Contra as Sêcas.

Sob o seu comando, uma plêiade de Agrônomos, Químicos e Técnicos brasileiros realizam a empolgante tarefa do reconhecimento e descoberta científica do Polígono.

Não é exagêro pensar que o seu último livro, revelando a interpretação substancial de um acêrvo de dados produzidos em laboratórios, em campo, em experimentos, constitui a melhor contribuição nêste século sôbre os sertões...

Ex-Professor da Escola Superior de Agricultura de Minas Gerais e da Escola de Agronomia do Ceará, tendo exercido o cargo de Secretário da Agricultura da Paraíba, além de muitos outros postos de alto comando da administração pública, o atual Chefe do Serviço Agro-Industrial, radicado por laços de família à terra cearense, é uma dádiva do glorioso Estado de Minas Gerais ao contingente civilizador do Nordeste sêco.

Snr. Guimarães Duque:

A cadeira que lhe está reservada nesta Casa foi antes ocupada pelo Professor Joaquim Alves, espírito em quem vibrava o amor da terra, iluminado pelo ideal de conquistá-la pela cultura, de redimí-la pela ciência...

Palmilhou-a, estudando com os recursos de que dispunha as suas regiões naturais.

Foi entre nós um dos pioneiros na pesquisa da Geografia Humana, abraçando-se com a sua terra, consagrando-lhe o intelecto,

dando-lhe as energias do pensamento, os primeiros e os últimos lampejos.

Deixou-nos uma História das Sêcas, além de muitos outros estudos de natureza sociológica.

"Eu deveria ter-me formado em Agronomia" — disse-me um dia Joaquim Alves.

É que havia na sua alma de lutador aquela consciência ecológica orientando a cultura...

Abro novamente o livro que V. Excia. escreveu e leio estas verdades serenas:

"Os estudos da História e da Sociologia do Nordeste estão mais adiantados e são mais completos do que aquêles relativos à Economia e à Ecologia. Nós temo-nos preocupado mais com o passado do que com o presente. Escasseiam os dados numéricos sôbre agrologia, zoologia, química vegetal, estatística dos recursos naturais, etc., que nos possibilitam melhores conhecimentos do que temos e o que podemos

Não só de História vive o Instituto do Ceará. Há que realizar a enorme tarefa correlata da Geografia e da Antropologia.

Realmente, é da ciência de nossas condições básicas que necessitamos para engrandecer a terra e conduzir o homem.

A jornada através do presente, para a garantia do futuro, é a que se destina ao novo companheiro em nosso Instituto.

Benvindo seja V. Excia. a esta Casa, Snr. José Guimarães Duque.